

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	18.OUT.1974
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

MÁRIO ALEXANDRE escreve dos E. U. A.

COM o Presidente Costa Gomes e comitiva segue o enviado especial de «A Capital», Mário Alexandre que, em «telex» de Washington, nos dá hoje conta do apoteótico acolhimento dispensado à alocução do Presidente da República Portuguesa no Palácio das Nações Unidas, em Nova Iorque e descreve a recepção excepcional que este teve na capital dos Estados Unidos da América.



(Telefoto LUPI-TelImprensa para «A Capital»)

O Presidente Costa Gomes enquanto proferia a sua histórica alocução dirigida à mais alargada assembleia perante a qual um Chefe do Estado português alguma vez usou da palavra

MUNDO APLAUDE PORTUGAL NOVO

A estrondosa ovação que coroou o discurso mais histórico e com maior projecção mundial que um Presidente da República Portuguesa alguma vez proferiu é a prova incontestável de que o Mundo em peso está com o Portugal novo que vimos construindo após o 25 de Abril. O Presidente Costa Gomes, usando da palavra no grande «hall» de vidro em que se reúne a Assembleia Geral das Nações Unidas — essa mesma Assembleia que tantos ataques lançou à política fascista e colonialista que durante perto de meio século nos humilhou — traçou em linhas gerais e com exemplar clareza os rumos futuros da nossa Pátria reencontrada. Os aplausos dos delegados dos países africanos à primeira alocução de um Chefe do Estado português na O.N.U. são penhor do crédito dado à intenção democratizante e descolonizadora dos novos dirigentes portugueses. A atenção com que as palavras de Costa Gomes foram ouvidas e o agrado que provocaram na mais alargada assembleia mundial restituem a Portugal a sua posição no mundo; espezinhado durante quarenta e oito anos, alvo de críticas de todas as nações, o nome de Portugal foi arrastado na lama pelos políticos fascistas de má memória, a tal ponto que o povo quase sentia vergonha de se dizer português. Agora tudo mudou: os aplausos da Assembleia Geral da O. N. U. para Costa Gomes e para o nosso País marcam o momento histórico do reencontro de Portugal com a sua vocação, com o seu lugar na Europa e no mundo, com a sua posição de Pátria prolecta e respeitada no consenso internacional.

COSTA GOMES ENCONTRA-SE COM FORD E ALMOÇA COM KISSINGER

O Presidente da República Portuguesa, que tem hoje conversações com Gerald Ford e Henry Kissinger, é, em Washington, convidado da Casa Branca, distinção raramente concedida a visitantes — o que pode ser considerado revelador do interesse que os Estados Unidos sentem pelo nosso País. Julga-se que, durante o seu encontro, Ford e Costa Gomes tratarão de assuntos relativos à Organização do Tratado do Atlântico Norte e discutam relações bilaterais. Quanto ao almoço com Kissinger, será, em princípio, uma cerimónia protocolar, mas nada impede que possam ser tratados assuntos de interesse para Portugal e para os Estados Unidos da América. No jantar de recepção oferecido pelo secretário-geral da O. N. U., Kurt Waldheim, a Costa Gomes, o primeiro alargou-se em comentários elogiosos sobre

a nova política portuguesa, acentuando, a dada altura, que, se um capítulo da longa história portuguesa se encerrou, outro começou. «Estou certo — disse Waldheim — de que será um capítulo em que Portugal terá um importante e construtivo papel, promovendo os ideais e finalidades a que estamos todos ligados». Em resposta, Costa Gomes afirmou, em síntese: «Tenho muito orgulho em ter a companhia de Vossas Excelências em plano de amizade, fenómeno impossível antes das alterações que a nossa revolução em 25 de Abril veio gerar. Estou muito grato pela homenagem que representa esta reunião excepcional.»

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	18. OUT. 1974
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	



COSTA GOMES NA O.N.U.

Fundação Cuidar o Futuro

(Telefoto UPI-Teimprensa para «A Capital»)

O general Costa Gomes, primeiro Chefe de Estado português a discursar na O. N. U., afirmou ontem no seu histórico discurso que Portugal está perfeitamente determinado a salvaguardar a pureza dos principais objectivos revolucionários do 25 de Abril.

O general Costa Gomes foi o décimo Chefe de Estado, ou equivalente, a dirigir-se este ano à Assembleia Geral das Nações Unidas. Na sessão deste ano, o primeiro presidente a usar da palavra na O. N. U. foi o chefe do Executivo americano, Gerald Ford. O Presidente português usou da palavra durante cerca de 20 minutos. É o seguinte o texto completo do discurso que proferiu perante a Assembleia Geral:

Senhor Presidente:

Em nome do povo português saúdo fraternalmente todos os povos do mundo, reconhecendo fazê-lo numa mui digna assembleia cuja vocação universalista é o pólo de condensação das melhores esperanças dos que amam a justiça e a paz.

Saúdo VV. Ex.^{as}, senhor Presidente, e todos os representantes nesta Assembleia Geral em que recaem as mais transcendentes responsabilidades da História da Humanidade.

Reconhece o mundo que, com as delícias próprias das obras humanas, tem esta Organização procurado garantir um clima mundial de tolerância, de paz, de segurança e de justiça.

Todos os homens de talento e de génio que nesta Organização têm sabido colocar os ideais do bem e da equidade universal acima dos interesses nacionais ou regionais são marcos na rota ascensional da dignidade humana.

Sou o primeiro Chefe de Estado de Portugal que tem o privilégio de se dirigir à opinião pública mundial beneficiando da vantagem de o fazer aqui e perante VV. Ex.^{as}. O meu País tem uma História longa de mais de oito séculos, e não nos será difícil perdoar a memória do último meio século, orientado por homens que não souberam sintonizar os seus ideais com a alma colectiva do povo a que pertencem.

Nas histórias de todos os povos há relâmpagos de inspiração que lançam as suas forças vivas no caminho mais nobre e mais eficaz, e há golpes de cegueira política que alienam a vontade popular e lançam as pátrias em caminhos obscuros e estéreis.

Os espíritos superiores são aqueles que pairam acima dos acontecimentos historicamente fugazes e conseguem

a visão global e sintética que crie uma perspectiva crítica e justa da vida de um país.

Não sou optimista ao atribuir ao povo português um saldo histórico fecundamente positivo: contribuímos decisivamente para o conceito planetário que o homem de hoje tem de si próprio; estivemos com os pioneiros bons em cuja legislação a abolição da escravatura foi mais uma conquista da ciência jurídica; demonstrámos que a pobreza de recursos não impede o fenómeno fecundo de uma vivência inter-racial que torna os povos mais irmãos e mais unidos (no grande espaço da expressão portuguesa, 130 milhões de pessoas respondem por esta afirmação); somos um povo europeu em cuja paisagem e arte se amalgamaram influências de todos os continentes e em cujo sangue há marcas genéticas dos clãs europeus, das tribos do Norte ao Sul da África, da Ásia e das Américas.

Senhor Presidente:

Sou o Chefe de Estado de um País que depois de humilhado por meio século de ditadura soube iniciar na longa noite de 25 de Abril uma revolução sem sangue que outros classificaram da mais pura do século.

Estamos perfeitamente determinados a salvaguardar a pureza dos principais objectivos revolucionários: devolver ao povo português a dignidade perdida, implantando condições de vida mais justas com Instituições democráticas pluralistas legitimadas na vontade do povo livremente expressa; iniciar o processo irreversível e definitivo de descolonização dos territórios sob administração portuguesa. Não mais admitiremos trocar a liberdade de consciência colectiva por sonhos grandiosos de imperialismo estéril.

A nossa revolução iniciada com o 25 de Abril, apesar de embaraços e dificuldades, continua a demonstrar o altíssimo do povo de Portugal.

Aqui deixo um convite aos altos responsáveis políticos desta Assembleia para verificarem em Portugal que o ambiente geral de tranqüilo labor e de ordem social não justificam generalizações alarmistas a partir de pequenas perturbações sociais que o Governo Provisório sempre soube e ultrapassou.

Nestas condições, estou à vontade para afirmar solenemente que o Governo Português tem intenção e capacidade para cumprir na letra e no espírito a Carta das Nações Unidas e todos os compromissos internacionais, políticos, comerciais ou financeiros a que se encontra vinculado.

No plano interno manteremos um processo democrático onde, com um mínimo de sofrimento, vamos desintoxicar os espíritos de meio século de propaganda de extrema-direita; construiremos um ambiente de tolerância política multipartidária, iniciaremos a politização do nosso povo e dar-lhe-emos as condições para a livre escolha do regime pluralista em que deseje viver.

No processo de descolonização manter-nos-emos fiéis aos princípios do direito internacional da autodeterminação e independência; na aplicação concreta dos princípios teremos a flexibilidade de espírito suficiente para salvaguardar os interesses dos povos a descolonizar; seremos tão dinâmicos quanto o exige a impaciência de quem toma uma tarefa com muitos anos de atraso, e tão pacientes quanto indispensável à felicidade de povos que sofreram na carne as consequências da anterior situação política portuguesa. Saberemos evitar figurinos estereotipados e procurar para cada território a solução mais adequada à garantia da gênese feliz de uma nova Pátria.

No plano das relações internacionais, procuraremos intensificar as relações económicas e políticas com todos os países amigos tradicionais e com todos os povos do mundo.

Aproveitaremos as relações históricas com outros povos para desenvolver aceleradamente justas situações de interesse mútuo, incluindo os países existentes de expressão portuguesa, as novas nações irmãs em formação pelo processo de descolonização em curso, e não esquecendo os Estados árabes e outros, cujas raízes históricas se cruzaram com as nossas ao longo dos séculos.

As origens culturais latinas facilitar-nos-ão o reforço da solidariedade com todos os países latinos da Europa e da América.

O estádio do nosso desenvolvimento, a nossa situação geográfica, o sentimentalismo e anti-racismo congénito do nosso povo são a garantia de uma ligação de fácil entendimento e fraterna entrelaçada com todos os povos do Terceiro Mundo.

Não mais resta o direito à sociedade internacional para anatemizar Portugal com o ferrete da suspeição ou da consideração condicionada.

Nestes termos, Portugal, no desenvolvimento de uma revolução dos espíritos, dos comportamentos e das atitudes sociais, na pacífica revolução da escala de valores que colocará em lugar justo os pobres e os desprotegidos, sente-se no direito à solidariedade e auxílio da sociedade internacional em que se integrou.

Esperamos das Nações Unidas, e suas agências especializadas, o rápido levantamento de todos os embargos e restrições que vimos sofrendo.

A situação pré-democrática em que vivemos tem importantes dificuldades económicas e financeiras que melhor serão vencidas se os países democráticos do mundo se dispuserem a uma solidariedade material e moral, rápida, fraterna e justa no seu preço financeiro e político. Esperamos deles essa atitude amiga.

As preocupações internacionais, Portugal manifesta o seu profundo desejo de ver as grandes potências mais dinâmicas no caminho do desarmamento mundial e que os enormes recursos que ficarão disponíveis sejam canalizados para os países mais desfavorecidos, onde em cada homem a luta pela sobrevivência é um drama que lhe nega o direito à cultura e ao progresso espiritual.

No seu instinto de intercontinental humanismo, o povo português considera-se irmão de todos os povos oprimidos e declara a disposição de contribuir para todas as iniciativas que visem debelar a fome no mundo, melhor distribuir as riquezas e salvaguardar os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Senhor Presidente:

Dentro de dias a Organização das Nações Unidas celebrará o seu 29.º aniversário.

A voz dos mais fracos teve aqui uma tribuna quando a lei da força se sobrepôs à força da lei.

A voz dos oprimidos aqui lamentou a ignomínia dos opressores.

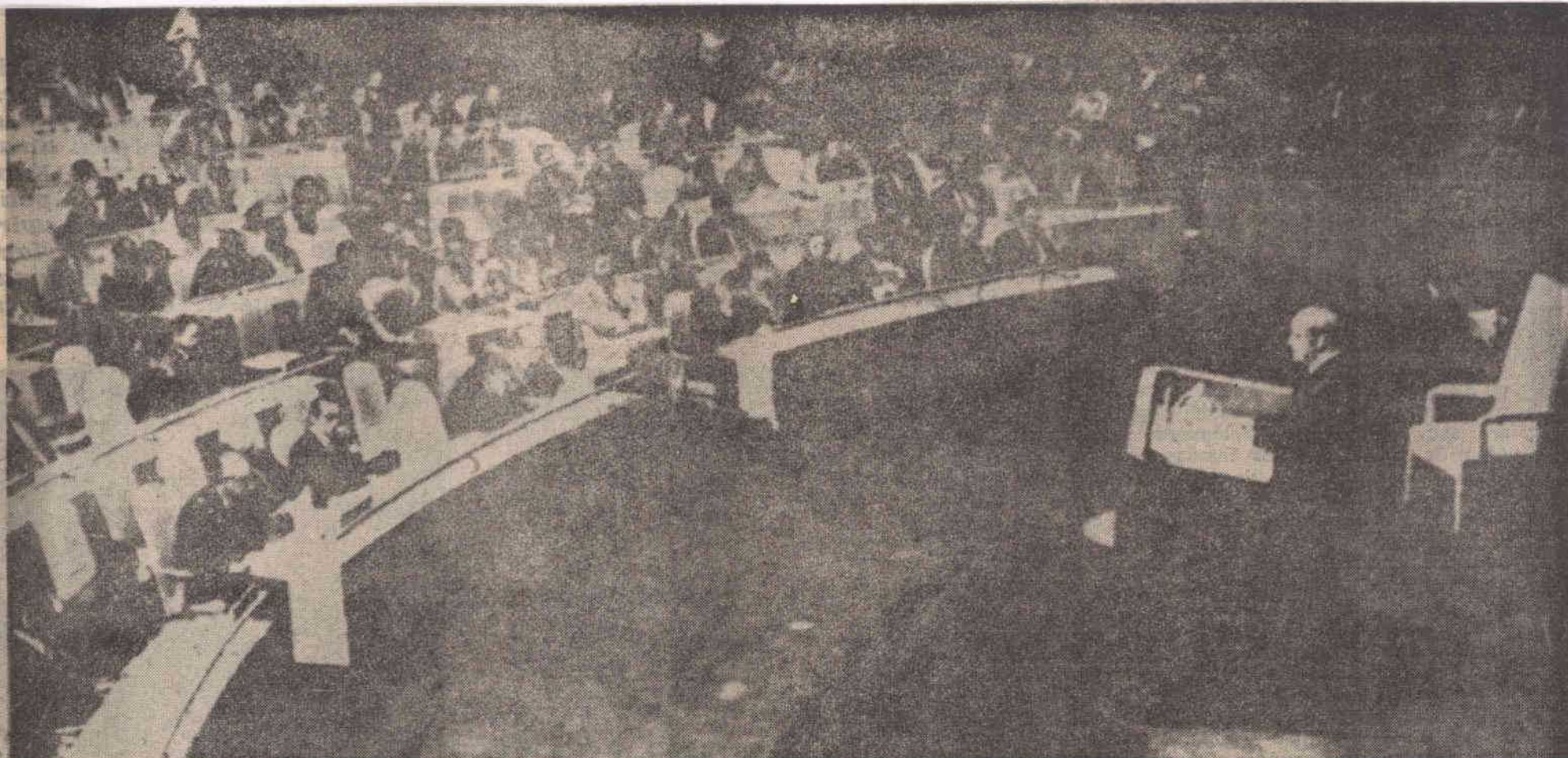
O clamor dos pobres aqui feriu a consciência dos que esbanjam em supérfluos o excesso de recursos disponíveis. Adversários exaltados aqui descomprimiram em palavras as pseudo-razões que a opinião pública reduziu a dimensões razoáveis.

Quantas conselheiras e esforços desta Organização têm sido estéreis quando os orgulhos egoístas calaram a voz da justiça e da razão.

Mas em larga contrapartida quantos fracos sentiram apoio, quantos oprimidos foram libertos, quantos pobres foram amparados, quantos exaltados sentiram o ridículo das suas posições apaixonadas.

O 29.º aniversário abre novo capítulo de uma organização que seguramente consolida a mais transcendente instituição que o espírito humano soube criar.

A todos os que directa ou indirectamente contribuíram



(Telefoto UPI-Telimprensa para «A Capital»)

O general Costa Gomes, o primeiro Chefe do Estado português a discursar na O. N. U., quando dirigia ontem palavras históricas à Assembleia Geral. O Presidente da República foi prolongadamente ovacionado pelos representantes de todos os Estados membros da organização

“ESTAMOS DETERMINADOS A SALVAGUARDAR A PUREZA DOS OBJECTIVOS REVOLUCIONÁRIOS”

Fundação Cuidar o Futuro

para a génese e funcionamento da O. N. U. a nossa gratidão por nos haverem oferecido mais um Dia Maior da Humanidade.

Vou terminar dentro de momentos, porque de nós o mundo espera muitos esforços concretos e pouca retórica.

Saúdo os países tradicionalmente amigos nas boas e más horas do meu País.

Saúdo os países de expressão lusiada, actuais e potenciais, dos quais a humanidade espera o fortalecimento de laços comunitários fraternos e de mútuo respeito.

Saúdo todos os povos latinos, países irmãos numa cultura de cujo sentir humanístico os povos oprimidos têm o direito de esperar auxílio.

Saúdo todo o Terceiro Mundo, com a certeza da sua com-

preensão quando sublinho especialmente os povos irmãos da África, incluindo os povos árabes também gravados no sangue e na alma do povo a que pertença.

Saúdo os povos africanos que, depositando inteira confiança na honestidade e sinceridade do nosso processo de descolonização, estabeleceram connosco relações diplomáticas e de amizade que muito nos sensibilizaram.

Termino saudando todos os homens bons cujas preocupações se focalizam em construir uma Humanidade melhor, mais pacífica, mais segura, mais fraterna, mais progressista.

Que cada nova geração tenha uma vida mais digna de ser vivida.

Muito obrigado, senhor Presidente!

Telegrama de Pinheiro de Azevedo

O vice-almirante Pinheiro de Azevedo, a exercer interinamente as funções de Presidente da República, enviou ontem ao general Costa Gomes, depois do histórico discurso deste na O. N. U., o seguinte telegrama:

«Emocionados espírito patriótico e universal discurso Vossa Excelência sentimos nossas e de todo o povo português palavras proferidas que exprimem propósitos claros sentimentos sinceros renascimento Portugal cooperação povos do mundo cumprindo princípios justiça social e igualdade direitos respeito mútuo em prol progresso humanidade.»

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	18.0UT.1974
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

MÁRIO ALEXANDRE ESCREVE DE WASHINGTON

WASHINGTON, 18 (Do nosso enviado especial) — Quando o grupo de representantes de países africanos rompeu em aplausos após o discurso de Costa Gomes perante a assembleia das Nações Unidas, numa das maiores ovações já ouvidas no grande «hall» do Palácio de Vidro, tornou-se claro que aquele era um momento histórico: o mundo acreditava — e mostrava-o exuberantemente através dos seus representantes políticos — no processo irreversível da democratização portuguesa. Num discurso que observadores consideraram exemplar de equilíbrio, singeleza e objectividade e tacto político, o Presidente da República portuguesa disse ontem à assembleia aquilo que ela desejava ouvir. Por isso, os representantes africanos localizados à direita, ao fundo, da sala de sessões, que haviam mantido uma atitude de expectativa, sem aplaudir quando o Chefe do Estado português subiu à tribuna, acompanharam no final a vaga de aplausos que coroou a presença histórica do general Costa Gomes na O. N. U.

Dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, a China foi o único que não se fez representar pelo chefe da sua delegação, enviando em seu lugar alguns diplomatas subalternos. Além de John Scali pelos Estados Unidos, Jacob Malik pela União Soviética, Ivor Richard pela Inglaterra, e Louis de Guiringaud pela França, estavam presentes, entre outros, o novo delegado permanente da África do Sul, Roelof Botha, cujo país partilhava, no passado, com Portugal, a posição incómoda de alvo principal dos ataques da O. N. U.

Numa sequência lógica de acontecimentos, o ministro Mário Soares teve uma reunião com o grupo africano para expor, mais concretamente, a firme disposição de Portugal no que toca à descolonização. Desse encontro resultou a esperança de que, na sua próxima reunião, a O. U. A. anule a decisão que recomenda o não restabelecimento de relações dos seus membros com o nosso País enquanto houver territórios sob administração portuguesa.

Do apelo que Costa Gomes fez aos países árabes no que toca ao fim das restrições impostas a Portugal, espera-se que já na sua próxima reunião, em Rabat, os países árabes decidam levantar-nos o embargo do petróleo.

Mário Soares e a descolonização

Embora o dia político tivesse decorrido ontem com certa agitação, devido a reafirmação do perdão concedido por Ford a Nixon, o Governo americano esteve aparentemente muito atento àquilo que se disse na O. N. U. e, inesperadamente — pois estava previsto que ficasse numa «suite» do Hilton —, o Presidente Costa Gomes foi convidado para hóspede da Casa Branca, durante a estada que ontem iniciou nesta capital, embora a visita não seja a título oficial.

Esta distinção é raras vezes concedida e pode ser considerada como revelando um interesse especial pelo nosso País por parte do Governo dos Estados Unidos.

No encontro de hoje com Gerald Ford, a que se julga poderem assistir os jornalistas, Costa Gomes oferecerá ao presidente americano uma colecção rara da «Monumenta Cartographica».

O secretário de Imprensa da Casa Branca, Ronald Nesen, disse que os dois presidentes discutirão relações bilaterais e assuntos envolvendo a Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Durante os 45 minutos de voo entre o aeroporto Kennedy e a base aérea de Edwards, perto de Washington, onde aterrou o avião com a comitiva presidencial, o ministro dos Negócios Estrangeiros Mário Soares fez um «briefing» acerca do encontro que tivera horas antes com o grupo africano na O. N. U., o qual inclui o presidente da Organização da Unidade Africana.

Mário Soares afirmou aos seus interlocutores que continuam as conversações com os movimentos de libertação angolanos, com vista à possível formação de um Governo de coligação. Sublinhou o ministro português que «não serão aceites quaisquer grupos fantoches». Quanto a críticas da Guiné-Bissau ao processo de descolonização em Cabo Verde, negou o seu fundamento, reafirmando que se está a cumprir o constante do acordo entre Portugal e o P. A. I. G. C. acerca de S. Tomé e salientou que se seguirá processo idêntico ao de Cabo Verde.

A questão de Timor levará a uma consulta das partes interessadas, nomeadamente a Indonésia e a Austrália.

Soares chamou a atenção dos africanos para os dois princípios básicos de Portugal no processo de descolonização: defender a integridade territorial das antigas colónias, considerando as existentes antes do processo de descolonização, e opor-se a qualquer confrontação que viesse a resultar da descolonização em curso, nomeadamente de carácter racial, não esquecendo os interesses dos brancos radicados nesses futuros países.

Fez também questão de salientar que já não se trava qualquer guerra colonial em territórios ainda sob administração portuguesa.

Almoço com Kissinger

Postas assim sem truques as cartas na mesa — e note-se que o representante do M. P. L. A. no Norte da Europa foi observador interessado da sessão de ontem da O. N. U. — o processo de democratização e descolonização iniciado em 25 de Abril conheceu ontem um impulso que excedeu as mais esperançosas expectativas. Embora o discurso de Costa Gomes fosse conhecido nas suas linhas gerais, como



(Telefoto UPI-TelImprensa para «A Capital»)

Ovacionado, de pé, pelos representantes de todos os Estados membros da O. N. U., o Presidente Costa Gomes recebeu, no final do discurso, cumprimentos de chefes de delegações. Na gravura de cima, John Scali, embaixador dos Estados Unidos na O. N. U., cumprimenta o general Costa Gomes. Em baixo, é o embaixador soviético, Yakov Malik, quem felicita o Presidente português

ontem referi, foi acolhido com agradável surpresa por todos os círculos da O. N. U., incluindo os portugueses, entre os quais, todavia, constava já que «era muito bom».

Hoje, além do encontro com Ford que já referi, o Presi-

dente Costa Gomes almoça com o secretário de Estado Henry Kissinger.

Aparentemente, será apenas uma cerimónia mais ou menos protocolar mas, nestas coisas, nunca se sabe...

O.N.U. OUVE O QUE DESEJAVA OUVIR

Ainda ontem, quando se esperava que o secretário-geral da O.N.U., Kurt Waldheim, proferisse durante o jantar de recepção ao Chefe do Estado português apenas palavras de circunstância, o secretário-geral da O.N.U. alargou-se em comentários (elogiosos, diga-se) sobre a nova política portuguesa. Não esqueçamos que o problema da concessão da base das Lajes aos americanos e da contrapartida que disso deve resultar para Portugal continua em aberto.

Jantar com Waldheim

«As novas relações que estão a ser criadas entre Portugal e os seus territórios coloniais através da aplicação do direito de autodeterminação e independência, e a determinação de Portugal em pôr fim aos longos e amargos conflitos que causaram tanto sofrimento, são acontecimentos históricos que foram universalmente bem recebidos e aplaudidos», disse Kurt Waldheim ao Presidente português, no decorrer do jantar que ofereceu ontem a Costa Gomes.

O secretário-geral da O.N.U. sublinhou: «Sabemos que a transmissão da soberania independência para as novas nações lhes acarretará dificuldades. A família da organização assisti-las-á, tenho a certeza, o mais que for possível.

«As garantias que o seu Governo deu de franca cooperação com a nossa organização neste aspecto e a sua determinação em acelerar e completar o programa de descolonização, consultando os povos interessados, são fortes garantias de que os novos estados serão estabelecidos em bases firmes. Ansiamos pelo dia em que, seguindo a Guiné-Bissau, se juntarão à organização mundial.»

A terminar, Waldheim afirmou que se algum capítulo na longa história de Portugal terminou, outro começou. «Estou certo de que será um capítulo em que Portugal terá um importante e construtivo papel, promovendo os ideais e finalidades a que estamos todos ligados.»

Em resposta, o general Costa Gomes afirmou, nomeadamente:

«Reuniu Vossa Excelência nesta mesa um grupo de individualidades tão distintas e tão significativas que não me parece bem referi-las com adjectivos. Os nomes e as posições de Suas Excelências são suficientes para se colocarem na alta consideração que nos merecem.

«Tenho muito orgulho em ter a companhia de Vossas Excelências em plano de amizade, fenómeno impossível antes das alterações que a nossa revolução em 25 de Abril veio gerar. Estou muito grato pela homenagem que representa esta reunião excepcional.»



(Telefoto UPI-Telimprensa para «A Capital»)

O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, ao receber o general Costa Gomes, momentos antes de o Presidente da República se dirigir à Assembleia Geral. A esquerda, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares

SOARES PEDE RELAÇÕES NORMAIS COM ÁFRICA

NAÇÕES UNIDAS, 18 (R.) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Soares, insistiu ontem na normalização das relações entre o seu País e as nações de África ao discursar numa reunião privada do Grupo Africano que teve lugar na Nações Unidas, revelaram círculos bem informados.

A reunião realizou-se poucas horas após o presidente Francisco de Costa Gomes ter discursado na assembleia geral da ONU.

Um diplomata que esteve presente à reunião do Grupo Africano disse que o dr. Mário Soares pediu o estabelecimento de relações normais, diplomáticas e consulares, com os países africanos.

O Senegal e a Tunísia já mantêm laços com Lisboa e julga-se que muitos outros governos africanos se estão movendo na mesma direcção.

No entanto, alguns países adoptaram uma posição mais cautelosa e estão esperando novos passos no sentido da descolonização, especialmente em Angola, o maior e mais rico território africano de Portugal, para tomarem uma decisão.

Aspectos «pouco claros»

Um diplomata africano, referindo-se a aspectos da política portuguesa que considera ainda pouco claros, citou uma passagem do discurso proferido pelo Presidente Costa Gomes na assembleia geral em que aquele dirigente prometeu «cumprir todas as obrigações internacionais, políticas, comerciais ou financeiras» às quais o seu Governo se encontra vinculado.

O diplomata africano disse particularmente que gostaria de saber se entre esses compromissos que Portugal tenciona respeitar figuram os acordos que o anterior regime português estabeleceu com a África do Sul e com o regime minoritário branco da Rodésia.

O mesmo diplomata manifestou a intenção de esclarecer este ponto com o dr. Mário Soares, mas salientou que não queria abordar o assunto em público.

lidar o Futuro